

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

LARISSA BONIMANI DA ROSA

**OS EFEITOS DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DE
NOVOS LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Bragança Paulista – SP

2020

LARISSA BONIMANI DA ROSA – R.A. 001201701094

**OS EFEITOS DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DE
NOVOS LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade São
Francisco, como requisito parcial para
obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Luzia Batista de
Oliveira Silva

Bragança Paulista – SP

2020

Dedico este trabalho a Deus e aos meus pais, Rita e José Carlos, pois sem eles nada seria possível. Também ao meu namorado, meus familiares e amigos que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis, e a minha falecida avó, Angelina.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente a Deus, pela minha vida e por sempre estar comigo, me ajudando a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do processo de construção desse trabalho e também durante todo o curso.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, por sempre me apoiarem e me incentivarem.

Às minhas irmãs, também professoras, que sempre me apoiaram e me ajudaram durante todo o curso.

Ao meu namorado que, acima de tudo, é um grande amigo e sempre esteve do meu lado nos momentos mais difíceis.

À minha professora orientadora, Luzia Batista de Oliveira Silva, e também à professora Lilian Nunes da Costa, que fez parte da orientação deste trabalho, pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

Aos professores que, ao longo do curso, sempre contribuíram para minha formação de forma significativa, em especial a professora Débora Reis Garcia e ao professor Daniel Amaro Cirino de Medeiros, que levarei para sempre em meu coração.

À todas as minhas amigas, que sempre estiveram ao meu lado, me ajudando e que, também, compartilharam desse momento de tensão comigo.

E a todas as pessoas que, de certa forma, contribuíram para a construção desse trabalho.

*"Quem escreve um livro cria um castelo,
quem o lê mora nele."
Monteiro Lobato*

ROSA, Larissa Bonimani da. **Os efeitos da literatura para a formação de novos leitores nos anos iniciais do ensino fundamental I.** 2020. 38 p. Monografia (TCC) – Curso de Pedagogia, Bragança Paulista, 2020.

RESUMO

A monografia intitulada *Os efeitos da literatura para a formação de novos leitores nos anos iniciais do ensino fundamental I* tem como objeto a leitura literária como elemento formativo; objetivo geral, analisar a importância da literatura no ensino fundamental I para a formação de novos leitores; como objetivos específicos, compreender os benefícios que a leitura traz para as crianças no processo de desenvolvimento intelectual; e como hipótese destacar a importância do incentivo e do estímulo da leitura para a formação de novos leitores. O trabalho de pesquisa se justifica por valorizar a importância da literatura nos anos iniciais do ensino fundamental I para a formação de novos leitores, destacando os benefícios que a leitura traz para a formação do indivíduo e, também, discutir o papel que a escola e a família devem exercer durante esse processo. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que possibilitou analisar sites, revistas, livros, relatórios e artigos. A presente pesquisa apresenta um breve histórico da literatura no Brasil, assim como a chegada da literatura infantil com Monteiro Lobato. Além disso, o trabalho destaca as contribuições da leitura para a formação social do indivíduo. Por fim, o trabalho apresenta a família e a escola como grandes responsáveis por introduzir a leitura na vida das crianças e, assim, formar novos e futuros leitores.

Palavras-chave: literatura, novos leitores, família, escola.

ROSA, Larissa Bonimani da. **The effects of literature on the formation of new readers in the early years of elementary school I** 2020. 38 p. Monograph (TCC) – Pedagogy Course, Bragança Paulista, 2020.

ABSTRACT

The monograph entitled *The effects of literature on the formation of new readers in the early years of elementary school* has literary reading as its formative element; general objective, to analyze the importance of literature in elementary school I for the formation of new readers; as specific objectives, to understand the benefits that reading brings to children in the process of intellectual development; and as a hypothesis to highlight the importance of encouraging and stimulating reading for the formation of new readers. The study is justified by valuing the importance of literature in the initial years of elementary school for the formation of new readers, highlighting the benefits that reading brings to the formation of the individual and also discussing the role that school and family should play during this process. The methodology used was the bibliographic research, which made it possible by analyzing sites, magazines, books, reports and articles. This research presents a brief overview of Brazilian literature, as well as the beginning of children's literature with Monteiro Lobato. In addition, the study highlights the contributions of reading to the social formation of the individual. Finally, the study presents the family and school as the main responsible for introducing reading into children's lives and, thus, forming new and future readers.

Key-Words: literature, new readers, family, school.

SUMÁRIO

PARTE 1 - BREVE TRAJETÓRIA DA LEITURA NO BRASIL	16
1.1. A chegada da literatura infantil no Brasil	18
PARTE 2 - AS CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO .	21
2.2. A leitura iniciada no âmbito familiar	23
PARTE 3 - O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES.....	25
3.1 A leitura na era digital	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
CRONOGRAMA	32
REFERÊNCIAS	34

MEMORIAL

Me chamo Larissa Bonimani da Rosa, tenho 24 anos, nasci e me cresci em Bragança Paulista, minha mãe se chama Rita, estudou até a oitava série do Ensino Fundamental e sempre foi trabalhadora do lar, meu pai se chama José Carlos, estudou até a sexta série do Ensino Fundamental e atualmente é aposentado, mas trabalhava como caminhoneiro. Meu primeiro contato com a escola foi aos 6 anos de idade na Escola Municipal Maria Ígnea Morales Garcia Profa., quando entrei para o “Pré”.

Ao contrário de todas as outras crianças naquele dia, eu não chorei no meu primeiro dia de aula e isso surpreendeu muito a minha mãe, pois como nunca tinha ido para a escola antes, ela achava que eu iria chorar e não iria querer ficar, mas, segundo ela mesma disse, eu até que estava gostando da ideia de ir para a escola.

Começamos o ano com uma professora (não me lembro o nome) que ficou com a gente até o mês de maio, quando foi mandada embora e substituída pela professora Luciana, que ficou até o final do ano. Eu gostava muito dela, ela era bem carinhosa e atenciosa, aprendi muito com ela. Me lembro que minhas irmãs haviam comprado uma lousinha de brinquedo para mim e, todos os dias, brincávamos de escolinha, no intuito de me ajudarem nesse processo da alfabetização e quando sai do Pré, eu já sabia escrever meu nome e o dos meus familiares, além de outras palavras.

A minha formatura do Pré foi a melhor de todas! Nossa fantasia era do tema “Anos 80”, para as meninas um vestido azul de bolinhas brancas acompanhado de um rabo de cavalo bem alto, e para os meninos, calça e camisa social com um blazer por cima. Depois da entrega dos diplomas, nós dançamos a música Banho de Lua, da Celly Campello.

Quando entrei para a 1ª série fui para a Escola Municipal Doutor Jorge Tibiriçá, onde fiquei até a 4ª série. Eu tinha muito medo daquela escola no começo, pois o prédio era muito antigo e meio “assustador”, e logo no meu primeiro dia de aula na 1ª série, as meninas da 4ª série vieram nos contar que no banheiro da escola tinha a “Loira do Banheiro”. Passei os quatro anos que estudei lá sem fazer xixi na escola sozinha, eu só ia na hora do intervalo com as minhas amigas e na hora da saída.

A escola possui um espaço bem amplo, com salas bem grandes e cinco pátios, também possuía uma quadra para a realização das aulas de Educação Física, uma biblioteca que fui poucas vezes, um laboratório que nunca fui e uma sala de vídeo que ia bastante para assistir filmes e vídeos. A escola não possuía muitos recursos tecnológicos na época, as lições eram passadas no quadro negro e nós possuíamos livros didáticos para realizar as atividades, mas a maioria era feita no caderno mesmo.

Saí da 1ª série já alfabetizada e quando entrei para a 2ª série eu achava o máximo conseguir ler todas as placas na rua e livros de história que minha mãe comprava para mim. Sempre fui muito tranquila, tirava notas boas e era amiga de todos da minha sala. Ainda na 2ª série, tive uma professora que me marcou muito, eu gostava muito dela e acho que ela de mim. Eu sempre era a ajudante do dia e ela adorava fazer tranças no meu cabelo.

Na 3ª série, minha professora era minha “vizinha”, então além de vê-la na escola todos os dias, eu a via na rua de casa e nas missas de Domingo cedo, ainda bem que eu gostava dela. Minha professora da 4ª série era muito legal também, mas nós não tínhamos tanto contato, ela não era muito afetuosa com os alunos, mas era uma ótima professora.

Ainda na 4ª série, meu último ano na Escola Municipal Doutor Jorge Tibiriçá, uma coisa que me recordo bastante foi quando dei um estojo antigo cheio de lápis de cor para uma colega que não tinha muitas condições, e, no dia seguinte, ela brigou comigo. Lembro que fiquei tão chateada que pedi o estojo de volta, mas ela alegou que “dado não é roubado” e não quis me devolver, eu pedi novamente e disse que “quando dei éramos amigas”, mas como ela tinha brigado comigo, queria de volta.

Ela disse que não iria devolver e uma das amigas dela disse que iria me bater na hora da saída, fiquei tão assustada, mas tão assustada, que comecei a chorar e menti para a professora que estava com dor de barriga. Ela me levou até a secretária que ligou para a minha mãe ir me buscar. Quando cheguei em casa, contei toda a verdade para minha mãe e minha irmã do meio ficou tão brava que queria ir até a escola para brigar com a menina que havia me ameaçado. Ninguém brigou com ninguém, mas acabei ficando sem meu estojo.

Quando entrei para a 5ª série na Escola Estadual Ministro Alcindo Bueno de Assis, estava apavorada. Uma escola nova e muito grande, um professor para cada matéria, minhas amigas todas indo cada uma para uma escola e pessoas mais velhas! Fiquei nessa escola até o 3º ano do Ensino Médio.

Durante todos esses anos que fiquei nessa escola sempre fui muito tranquila, tinha poucos amigos e adorava a maioria dos professores. Uma professora que me marcou muito e que me lembro até hoje se chama Nilva, ela era minha professora de Língua Portuguesa e me deu aula durante a 5ª, 6ª, 8ª série e no 2º e 3º ano do Ensino Médio. Foi por causa dela, na 6ª série, que me apaixonei por livros e acho que foi ela quem me inspirou a ser professora, eu só não sabia disso naquela época.

Lembro que ela deu uma atividade onde tínhamos que ler um livro que, infelizmente não me lembro o nome, e depois fazer um resumo sobre o livro colocando nossa opinião. Depois da leitura “obrigatória” deste livro, descobri que amava ler! O primeiro livro que li se chamava “Retalhos”, um livro de romance em formato de história em quadrinhos e o segundo foi “Mais que um amigo”. Foi nessa época, entre a 6ª e a 7ª série, que descobri o livro “Um

amor para recordar”, que se tornou meu livro favorito de todos. Aliás, meu autor favorito é consequentemente o autor desse livro, que também é autor de “O diário de uma paixão”, “A última música” e muitos outros livros que eu amo. Hoje em dia, tenho mais de 40 livros em casa, a maioria sendo do Nicholas Sparks.

Quando entrei para o 1º ano do Ensino Médio, fiquei mais assustada ainda porque o número de matérias aumentou. Nunca fui boa na parte de exatas e minhas notas em Química, física e Matemática eram bem ruins. No 2º ano do Ensino Médio, uma coisa que me marcou muito, foi quando minha professora de Geografia se recusou a dar nota na minha apostila porque eu tinha passado branquinho no meu nome para corrigir o “S”, que tinha ficado estranho. Minha mãe teve que ir até a escola para conversar com ela, aí ela me deu nota!

Meus anos na escola foram tranquilos demais, sem nenhuma emoção. Eu era muito tranquila, de poucos amigos e minha mãe nunca foi chamada na escola. Quando acabei o Ensino Médio, optei por não fazer formatura porque a maioria das pessoas da minha sala não iria fazer. Ao invés disso, tive uma “festa” para comemorar meus dezoito anos.

Quando saí do Ensino Médio, em 2014, não tinha ideia do que queria fazer em termos de ensino superior, o que cursar numa faculdade. Tinha muitas dúvidas. Já quis fazer faculdade de História, faculdade de Letras, faculdade de Pedagogia, faculdade de Medicina (mas fiquei só na vontade mesmo, rs) e até Jornalismo. Tenho duas irmãs, ambas Professoras, mas elas nunca me influenciaram em nada. Nunca sofri pressão dos meus pais em relação a faculdade ou emprego, eles sempre me deixaram muito à vontade quanto a isso.

Então, resolvi tirar o ano de 2015 para tentar decidir o que eu queria. No final deste ano, o colégio que fica ao lado da minha casa, que é onde minha irmã do meio trabalha, estava procurando alguém que cobrisse as férias, pois lá tem recreação de férias e estava com falta de funcionários por conta disso. Minha irmã me indicou para a coordenadora dela e disse que eu “gostava muito de criança e estava à toa em casa”. A coordenadora da escola pediu que eu fosse lá para conversar e aí, acabei ficando por um período de 15 dias, nas semanas do Natal e Ano Novo.

Nessa época eu estava quase indo para a faculdade de Letras, porque eu queria ser professora de Inglês. Mas... Foi lá que eu me apaixonei. Decidi que o que eu queria, era a Pedagogia. Fui contratada por essa mesma escola em fevereiro de 2016 e prestei o vestibular na USF em outubro desse mesmo ano.

Quando entrei para a faculdade, fiquei chocada. Tudo muito diferente do que eu estava acostumada, mas bem como eu imaginava. Minhas expectativas eram de que eu teria muitas aulas práticas, por exemplo de como realmente dar uma aula de fato, os conteúdos e tudo o mais. Mas é bem diferente. A teoria é bem mais presente do que a prática e algumas coisas

que escuto aqui, não vejo dentro da escola. Assim como algumas coisas que aprendo aqui, não consigo colocar em prática dentro da escola.

Mas posso dizer que não me arrependo nem um pouco de ter escolhido seguir essa profissão até mesmo porque, hoje em dia, não me vejo fazendo outra coisa. Adoro estar dentro da escola e amo meus alunos! Quando alguma professora falta, fico torcendo para que eu seja a substituta e eu sempre sou! Aprendo muito com isso. Sonho com o dia em que vou ter minha sala, com alunos e minhas coisas! Espero que seja em um futuro bem próximo!

Minha família sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e nessa não foi diferente, principalmente por ter duas irmãs que são professoras e me ajudam muito! Agora, no 8º e último semestre da Pedagogia, no meio de uma pandemia e passando por momentos que nunca imaginei passar, escrevo meu TCC, para finalizar e concluir meus estudos e me formar Pedagoga.

Apesar de sofrer com tantos conteúdos para estudar, aulas online, provas, trabalhos, estágio e TCC para escrever... aprendi que no meio da tempestade, realmente chega à calmaria. Tive dias muito difíceis, onde cogitei desistir de tudo e largar a faculdade, no último ano. Mas, no final, tudo deu certo e encerro, por aqui, se Deus quiser, meu ciclo na Pedagogia. Tenho certeza de que é isso que quero para a minha vida. Essa é a profissão que eu quero seguir! Quero ser professora.

INTRODUÇÃO

A leitura é importante na formação social de um indivíduo, é através dela que podemos formar cidadãos críticos, preparando-os para o exercício da cidadania e os tornando capazes de se pronunciarem, de maneira consciente e mais assertiva.

Quando as crianças são introduzidas desde cedo no mundo da leitura, a leitura passa a se configurar como um processo por meio do qual a criança começa a se abrir para novos caminhos, melhorando, assim, o convívio social e a facilidade para se comunicar com outros indivíduos.

E isso não ocorre apenas a partir do momento em que a criança está alfabetizada e começa a ler por si. De acordo com Abramovich (1989, p. 17), ouvir histórias também permite à criança sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e muitas outras, além de possibilitar que a criança viva profundamente tudo o que as histórias provocam. De acordo com Rodrigues (2005, p. 4, cf Mateus et al., 2013 p. 56):

Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

É o exercício da leitura que faz com que as crianças se sintam atraídas e curiosas para ler um livro, porém, atraí-los para o caminho da literatura nem sempre é uma tarefa muito simples, pois isso não depende somente da escola e do professor, mas também de um incentivo que tem que vir da família, dos cuidadores e responsáveis pela criança, no seu lugar de habitação e convivência. O ato de ler deve ser algo prazeroso, não pode ser algo em que a criança é forçada a fazer, por isso, é um processo que deve ser desenvolvido de forma calma e cautelosa.

Mas aprender a ler não é o suficiente quando falamos em adquirir o hábito da leitura. É necessário o incentivo e a motivação da escola e da família. Para o professor, essa tarefa se torna um pouco mais complicada, pois deve pensar em diversas maneiras de abordar esse assunto e trazê-lo para a vida não só de uma criança, mas sim de uma sala de aula, onde cada aluno se manifesta de acordo com sua personalidade e preferência por determinado conteúdo.

É de suma importância que o trabalho com textos literários esteja presente no cotidiano da sala de aula e do professor, para mostrar o quão rico e prazeroso pode ser o mundo dos

livros e, com isso, contribuir para que os alunos se tornem leitores voluntários e autônomos. A literatura infantil pode ser considerada, sem dúvida, uma grande ferramenta auxiliar ao professor, no que diz respeito ao incentivo à leitura, por utilizar do lúdico, uma vez que estamos falando de atrair a atenção das crianças.

De acordo com Silva (2008, p. 13, cf Carleto, 2014, p. 07): “Cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde os seus contatos iniciais com os livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito”.

Este trabalho de pesquisa tem como **objeto** a leitura literária como elemento formativo, como **objetivo geral** analisar a importância da literatura no ensino fundamental I para a formação de novos leitores e, como **objetivos específicos**, compreender os benefícios que a leitura traz para as crianças no processo de desenvolvimento intelectual. E como **hipótese**, destacar a importância do incentivo e do estímulo da leitura para a formação de novos leitores.

Os objetivos acima mostram-se relevantes porque a leitura, quando praticada no ensino fundamental, contribui para a formação de novos leitores. Acredita-se que, quanto mais promovido for o incentivo à leitura, maior será o interesse da criança em abrir um livro e se aventurar na história, usando sua imaginação e criatividade. Ademais, é importante que o gosto pela leitura seja construído desde cedo, que a criança tenha contato com livros e histórias diversas, pois, dessa forma, mais cedo ela gostará de ler. Por isso, formar grandes leitores, segundo Prado (2003, p. 55, cf Forteski, Oliveira e Valério, 2013, p. 121): “significa encantar as crianças e enfeitá-las com o poder que vem dos livros”. Não basta apenas ensinar a ler, é necessário ensinar a gostar de ler.

O trabalho de pesquisa se **justifica** por valorizar a importância da literatura nos anos iniciais do ensino fundamental I para a formação de novos leitores, destacando os benefícios que a leitura traz para a formação social do indivíduo e, discutir o papel que a escola e a família devem exercer durante esse processo.

O **método** de pesquisa a ser utilizado será o descritivo, cujo objetivo é proporcionar uma nova visão sobre os efeitos da literatura para a formação de novos leitores nos anos iniciais do ensino fundamental I. A abordagem a ser utilizada será qualitativa, pois auxilia no entendimento detalhado de todas as informações e permite a formulação de hipóteses.

A **metodologia** utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que possibilitou analisar sites, revistas, livros, relatórios e artigos. Também nos pautamos em conceitos criados e discutidos pelos principais autores: Lajolo e Zilberman (2011), Coelho (2010) e Cristóvão (2010). Os dois documentos principais que fundamentam o presente trabalho são a Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

No **primeiro capítulo**, são apresentados os fatos históricos da trajetória da leitura no Brasil e a chegada da literatura infantil, com Monteiro Lobato.

No **segundo capítulo**, discutimos as contribuições da leitura para a formação social e cognitiva do indivíduo e a importância da leitura incentivada dentro do ambiente familiar.

No **terceiro e último capítulo**, destacamos o professor como mediador no processo de aquisição de leitura e como as novas tecnologias podem contribuir para tal aprendizado.

PARTE 1 - BREVE TRAJETÓRIA DA LEITURA NO BRASIL

Foi somente com a chegada da Companhia de Jesus - os jesuítas, em 1549, que se iniciou a história da educação no Brasil. A Companhia de Jesus foi o principal agente de educação no Brasil até 1759, quando foi expulsada. Os jesuítas tinham a missão de ensinar as crianças indígenas, mas apenas do sexo masculino, para que estes viessem a ser futuros missionários da Igreja Católica. Segundo Veiga (1989, p. 40, cf Oliveira e Batista, 2018, p. 66):

Os jesuítas foram os principais educadores de quase todo o período colonial, atuando, aqui no Brasil, de 1549 a 1759. No contexto de uma sociedade de economia agrário-exportadora dependente, explorada pela Metrópole, sem diversidade nas relações de produção, a educação não era considerada um valor social importante. Servia de instrumento de dominação da colônia pela aculturação dos povos nativos. A tarefa educativa estava voltada para a catequese e instrução dos indígenas, mas para a elite colonial um outro tipo de educação era oferecido. Assim, os índios e negros foram catequizados e os descendentes dos colonizadores foram instruídos.

Porém, a história do leitor teve seu início, por volta do século XVIII, na Europa. De acordo com Lajolo e Zilberman (2011) nessa época, a impressão de obras escritas parou de ser um trabalho exercido por tipógrafos e gerenciado pelo Estado e, passou a ser uma atividade empresarial, feita por um molde capitalista, dirigida para o lucro e dependente de uma tecnologia que custava cada vez menos e rendia cada vez mais. Para a leitura se expandir e se transformar em prática social, foi necessária uma mudança: a valorização da família.

Em 13 de maio de 1808, foi fundada a Imprensa Régia, primeira imprensa brasileira oficial, instalada na condição de monopólio do governo e que foi responsável por criar o primeiro jornal impresso no Brasil. A atuação da censura governamental era de grande presença nos primeiros anos da imprensa. Somente a partir de 1821, por decorrência da constituição imposta a D. João, que a censura foi abolida, possibilitando o funcionamento de outras tipografias. Mesmo que fundada à sombra do governo, a Imprensa Régia, segundo Lajolo e Zilberman (2011), não se limitou a publicar somente atos e proclamações do Estado, patrocinou jornais: em 1808, lançou a Gazeta do Rio de Janeiro, espécie de diário oficial, e, entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814, o periódico literário O Patriota. Além de jornais, a Imprensa Régia também publicou sermões, folhetos contra a França, obras literárias e livros didáticos.

Com o início da Imprensa Régia, iniciou-se também a discussão sobre a nacionalidade dos autores e o nacionalismo dos temas e dos textos que seriam publicados. Segundo Lajolo e Zilberman (2011):

Num primeiro momento, recorreu-se a traduções para abastecer o mercado local; em seguida exigiram-se autores nativos para produzir os textos; mais adiante, assuntos de coloração patriótica. Desses elementos fundadores tece-se a história do livro didático nacional, que ocupa papel central na configuração das questões relativas à leitura e leitores no Brasil.

Após a abertura da imprensa no Brasil, surgiu uma indústria específica e de muito lucro, a indústria do livro didático, que nasceu ao abrigo do Estado e se sujeitava a ele. A atenção dedicada pela Imprensa Régia aos chamados livros didáticos, se deu pela urgência em produzir e fornecer material escolar compatível com as instituições de ensino superior, criadas por D. João. Essas escolas superiores acabaram por motivar a introdução do livro didático no Brasil. A demanda por livros cresceu tanto que a Imprensa Régia não tinha condições de atender sozinha. Por isso, a solução foi importar livros de Portugal, uma tarefa que foi executada pelas livrarias, que acabaram aumentando em número e em renda.

Na passagem da colônia ao Império, pouco foi feito pela educação, embora a Constituição de 1824 tivesse anunciado generosamente uma “instrução primária gratuita a todos os cidadãos”. Segundo Lajolo e Zilberman (2011) o Ato Adicional de 1834 não mudou a situação, pois o governo continuou fazendo muito pouco pela educação: foi criada a Inspeção Geral da Instrução, que tinha o intuito de fiscalizar o ensino primário e secundário na Corte. Restringindo sua atuação somente à cidade do Rio de Janeiro e ao ensino superior, o Estado se omitiu das questões educacionais, deixando ao poder das Províncias que, muito pobres, não tinham condições, nem interesse de resolver o problema.

Em 15 de novembro de 1889, Marechal Deodoro da Fonseca promoveu a Proclamação da República do Brasil, pondo fim ao período imperial e instaurando no país um novo sistema de governo - a República Federativa. De acordo com Lajolo e Zilberman (2011): “a República reacendia esperanças, já que prometia consertar os desacertos do Império.” Porém, não foi exatamente o que aconteceu. A República não cumpriu com as promessas feitas, o Estado cooperava somente com certos autores, se omitindo do problema geral e deixando de realizar uma política que fosse, de fato, eficiente. Segundo Lajolo e Zilberman (2011):

As dificuldades vão se transmitindo de geração em geração, até 1930, ano de mudança política, que traz de volta a ideia de tratar da instrução através de uma agência específica, o Ministério de Educação, na ocasião acoplado ao da Saúde. De lá vieram novas medidas, a vida escolar se organizou, o livro didático, precisando responder a novas questões, deu outra forma ao ensino, sobretudo ao da leitura e da literatura.

Com a Revolução de 30, o Brasil entrou no modelo capitalista de produção e com o dinheiro adquirido no período anterior, pôde investir no mercado interno e na produção industrial. Segundo Vilela (2009) a nova realidade brasileira passou a exigir uma mão-de-obra especializada e para isso era preciso investir na educação. Sendo assim, foi criado em 1930, o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sancionou decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes.

A Constituição de 1934, a segunda da República, determinou que a educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos. Em 1937 é outorgada uma nova Constituição, que enfatizou o ensino pré-vocacional e profissional. A nova Constituição também tirou do Estado o dever da educação, mas manteve a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário. De acordo com Vilela (2009):

As conquistas do movimento renovador, influenciando a Constituição de 1934, foram enfraquecidas nessa nova Constituição de 1937. Marca uma distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional para as classes mais desfavorecidas.

A nova Constituição, de 1946, manteve a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e fez voltar o preceito de que a educação é direito de todos. Depois de anos de discussões foi promulgada, em 20 de dezembro de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. De acordo com Leiria (2016) a lei que regulariza o sistema de educação brasileiro, teve uma outra versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente, em 1996. Em 1988 foi outorgada uma nova Constituição, que se mantém até os dias atuais.

Desde então, a educação no Brasil vem sofrendo diversas mudanças no planejamento educacional. Novas leis foram promulgadas e novas emendas foram inseridas dentro da Constituição.

1.1. A chegada da literatura infantil no Brasil

A literatura infantil no Brasil só surgiu quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX foi registrada aqui e ali, com o aparecimento de alguma obra destinada a crianças.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007) a implantação da Imprensa Régia, em 1808, foi o que deu início a atividade editorial no Brasil e, com isso, começaram a publicar livros voltados

para as crianças, mas, como essas publicações eram esporádicas, foram insuficientes para se caracterizar como uma produção literária brasileira para a infância. Segundo Cunha (1999, p. 23, cf Silva e Risso, 2012): “No Brasil, como não podia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

A literatura brasileira em sua fase inicial começa com a tradução em linguagem brasileira, com os contos infantis europeus. Com isso, surgem Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, escritores responsáveis por traduzir e adaptar essas obras. Segundo Lajolo e Zilberman (2007):

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusóé (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D. Quixote de la Mancha (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

Arroyo (1968, cf Silva e Risso, 2012) conta que os grandes livros que contribuíram para a origem da literatura infantil brasileira foram: *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac; *Saudade* de Tales de Andrade, e *A Menina do Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato. Mas, entre os autores da literatura infantil brasileira, se destaca, de maneira forte e especial, Monteiro Lobato. Um escritor comprometido com a infância e suas especificidades. A obra de Lobato foi classificada como “Livro de Figuras”, por isso, então, o livro foi incluído na nova diretriz pedagógica (a Escola Nova), que enfatizava a função das figuras nos livros infantis. Segundo Coelho (2010, p. 242) “sem que ninguém suspeitasse, com ele estava sendo criada a Literatura Infantil Brasileira.”

Segundo Arroyo (1968, p. 202, cf Silva e Risso, 2012):

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo À Imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional: a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renova inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. “Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil.”

Segundo Silva e Risso (2012), *A Menina do Narizinho Arrebitado* é a versão inicial de outra obra lobatiana, *Reinações de Narizinho*, primeiro livro da coleção que constitui a obra *O*

Sítio do Pica-Pau Amarelo, que apresenta outros personagens marcantes que viviam no sítio, como: Dona Benta, Tia Anastácia, Pedrinho e Narizinho, os seres mágicos Emília e Visconde de Sabugosa e animais falantes como Quindim e Rabicó. Personagens que integram o mundo ficcional. Segundo Coelho (2010, p. 250) “[...] Monteiro Lobato juntava o Real e o Maravilhoso, em uma única realidade.”

Ainda de acordo com Coelho (2010, p. 252) sua vasta produção na área infanto-juvenil, adequada à crianças a partir dos nove (9) ou -dez (10) anos de idade, engloba obras originais, adaptações e traduções. As obras originais são: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920); *Narizinho Arrebitado* e *O Saci* (1921); *Fábulas e O Marquês de Rabicó* (1922); *A Caçada da Onça* (1924); *A Cara de Coruja*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho* e *O Circo de Cavalinho* (1927); *A Pena de Papagaio* e *O Pó de Pirlimpimpim* (1930); *As Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao Céu* (1932); *As Caçadas de Pedrinho* e *Emília no País da Gramática* (1933); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Memórias de Emília* (1936); *O Poço do Visconde* (1937); *O Pica-Pau Amarelo* (1939) e *A Chave do Tamanho* (1942).

A literatura infantil brasileira, iniciada por Monteiro Lobato, gerou frutos, pois, os melhores e maiores escritores de hoje cresceram lendo suas obras e aperfeiçoando o novo caminho da literatura infantil no Brasil. Segundo Silva (2009, p. 104, cf Silva e Risso, 2012) a grande revolução começada por Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira, se dá por sua postura inovadora e sua relação de respeito com seu leitor. Ele destaca ainda aquilo que os demais autores ainda não tinham percebido a criança como um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Deste olhar sobre o leitor partem as inovações propostas por Monteiro Lobato e que inauguram um novo caminho na produção literária orientada para a criança e para o jovem.

Nos últimos anos, as valorizações do autor brasileiro e de títulos nacionais vêm se fortalecendo e o país pode contar com um aumento na quantidade e qualidade de suas obras. Isso se dá através da modernização do país, pois a indústria de livros se estabilizou e a escola cresceu e evoluiu, fortalecendo a ligação entre literatura e ensino.

PARTE 2 - AS CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

O hábito de ler desde muito cedo ajuda na formação da personalidade da criança, fazendo com que possa explorar a cultura e a diversidade.

É através das histórias que se podem descobrir outros lugares, outras épocas, outros jeitos de agir, além de manifestar nas crianças sentimentos desconhecidos, provocando novas emoções e frustrações, ajudando-as a aprender a lidar com problemas e encontrar soluções para resolvê-los. O resultado, de acordo com Condurú e Santos (2018, p. 418) é que “além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e psíquico e a compreensão dos conflitos na infância, a literatura infantil também contribui para a inclusão social.”

Para Paula e Fernandes (2011): “Os livros de histórias são de vital importância durante a infância, pois todas as crianças possuem necessidade de imaginar, criar histórias e entrar no mundo da fantasia.” O contato com histórias permite que as crianças viagem para mundos inimagináveis, utilizando da criatividade e da imaginação. A leitura, as cantigas de roda, as brincadeiras cantadas e a contação de histórias são algumas das várias formas possíveis de inserir a literatura infantil na vida das crianças. Segundo Cristófano (2010): “O prazer e as emoções que estas narrativas proporcionam, o simbolismo implícito nas palavras, no enredo, nas ações das personagens e as “produções imaginárias” agem no inconsciente do indivíduo ajudando-o a resolver os seus conflitos interiores.”

Cristófano (2010) retrata como os tradicionais contos de fadas estimulam as emoções de maneira lúdica e, também, tratam as angústias e situações vividas no cotidiano, como por exemplo: a necessidade de ser amado, tal como a história do *Patinho Feio*; o abandono e a solidão retratados, na obra *João e Maria*; os caminhos e os descaminhos no processo de humanização em *Pinóquio* e a menina corajosa e provocadora que conhecemos em *Chapeuzinho Vermelho* etc. Essas histórias de contos de fada ajudam o leitor a compreender, entender e aprender a lidar com o que se passa dentro de seu inconsciente. Cristófano (2010) diz que: “Estas narrativas transmitem à mente consciente, pré-consciente e inconsciente da criança as diversas mensagens neles embutidas.”

A leitura está em todos os lugares para os quais dirigimos nosso olhar. Assim, independentemente da idade ou da classe social, é possível ter esse contato com a leitura através de revistas, panfletos, outdoors, na televisão, no celular ou até no manual de instruções de um jogo. Por isso, antes mesmo da convivência na vida escolar, algumas crianças têm o primeiro contato com a leitura dentro da própria casa, normalmente através da

oralidade, por meio de histórias de contos de fadas que os pais contam para seus filhos e até mesmo por meio de cantigas de ninar.

A leitura é um dos caminhos mais importantes para a aquisição de novas aprendizagens, possibilitando o fortalecimento das ideias e das ações, além de permitir que a criança amplie seus conhecimentos. Segundo Pontes (2014) a leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois através dela podemos enriquecer nosso vocabulário, obtendo novos conhecimentos, a interpretação e também ampliando horizontes.

É importante destacar que a leitura faz parte do processo de alfabetização e da formação das crianças, por isso, a leitura é fundamental e necessária para a formação de um indivíduo crítico e pensante. Normalmente o processo de aprendizagem da escrita, principal instrumento da leitura, começa, mais ou menos, aos 4 anos de idade, e com isso, desperta nas crianças um certo interesse para com esse mundo das letras. Coelho (2000, p. 16, cf Barros, 2013) pontua que:

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiando os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do “eu” em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis, e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser.

O uso da literatura como ferramenta para o processo de alfabetização é muito importante, pois de acordo com Barros (2013) ao unir a literatura e a alfabetização, a criança acaba por entrar em contato com o mundo letrado e, além de ampliar seu vocabulário, adquirir conhecimento e, principalmente, exercita o seu imaginário. A literatura, portanto, é muito importante na escola por ser um dos meios necessários para que a criança seja capaz de compreender o que acontece ao seu redor, interpretar diferentes situações e escolher caminhos com os quais se identifica. Segundo o Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos ligados à Educação (cf Silva e Kohn, 2016) a leitura:

- Desenvolve o repertório: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo.
- Liga o senso crítico na tomada: livros, inclusive os romances, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos.
- Amplia o nosso conhecimento geral: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação.
- Aumenta o vocabulário: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos.
- Estimula a criatividade: ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias...
- Emociona e causa impacto: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem.

- Muda sua vida: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida.
- Facilita a escrita: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor.

Quanto mais cedo for iniciado o processo de aprendizagem da leitura, maior serão as chances de formar um cidadão crítico. A criança que tiver livros ao seu alcance e souber manuseá-los corretamente, não abandonará o hábito de ler e, quando crescer, saberá distinguir uma leitura boa de uma ruim, e, com isso, irá aprimorar, também, seu desenvolvimento na escrita.

2.2. A leitura iniciada no âmbito familiar

O ambiente familiar e tudo que a criança vivencia em seu dia a dia têm grande influência para o seu desenvolvimento, por isso, a leitura em família ajuda no desempenho escolar, contribuindo para a aprendizagem ao longo da vida.

É no âmbito familiar que surgem os primeiros hábitos, as primeiras influências e os primeiros gostos. Neste sentido, segundo Luna, Santos e Rosa (2019) quando os familiares apresentam às crianças livros de diferentes gêneros e as incentivam a criar o hábito da leitura, criam oportunidades de interação verbal, sendo possível que essas práticas contribuam para a formação leitora.

Porém, é muito comum ouvirmos famílias responsabilizarem exclusivamente à escola a função de introduzir a cultura escrita na vida das crianças, e, por outro lado, também é muito comum ouvir professores e outros profissionais da área da educação se queixarem da falta de estímulo de algumas famílias quanto ao incentivo desde cedo à leitura e o contato com livros.

Por isso, a relação entre família e escola é muito importante para o desenvolvimento da criança. Frank Smith, um importante educador canadense afirma, (cf Raimundo, 2007):

As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai lhe dá uma chance para trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo. Ela sempre aprende com objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente, quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido.

Segundo Ribeiro (2003, p.141, cf Luna, Santos e Rosa, 2019) quanto mais os pais leem, mais chances seus filhos têm de se tornarem, também, leitores. Segundo um estudo

francês, o exemplo dos pais é tão presente e tão marcante que, em alguns casos, sobrepõe-se à escolaridade ou à profissão de seus filhos.

Os pais que incentivam seus filhos desde os primeiros anos de vida, lendo uma história na hora de dormir, criando situações em que a leitura esteja presente e motivando o manuseio de livros, contribui diretamente para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e socioemocional da criança. A leitura possui um papel fundamental em diversas funções na vida social do indivíduo, seja na escola, na hora do lazer ou em casa. Segundo Vieira 2009 (p. 06):

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade.

Revoredo (2010) relata que se a criança é criada em um ambiente onde a leitura é sempre estimulada pelos pais, provavelmente teremos um futuro leitor que terá prazer em ler. No entanto, se a criança é criada em um ambiente onde os familiares não estimulam e nem apreciam a leitura, é preciso descobrir outras formas para que essa criança venha a desenvolver o gosto pela leitura. Bamberger (2004, cf Revoredo, 2010) oferece aos pais alguns conselhos para o estímulo da leitura:

1. Contar histórias e ler em voz alta para os filhos com a maior frequência possível.
2. Organizar uma biblioteca pessoal para o filho, apropriada à sua idade, aos seus desejos, às suas necessidades e à fase de desenvolvimento em que ele se encontra.
3. Instruir os filhos para gastarem parte do seu dinheiro miúdo em livros [...].
4. Zelar para que se reserve algum tempo para a leitura no maior número de noites possível, no qual cada membro da família lerá o seu próprio livro.
5. Participar da leitura dos filhos, isto é, conversar sobre o que estão lendo.
6. Ajudar os filhos a reconhecer que podem aplicar e usar o que leem, porque os livros dão segurança, luz e beleza às suas vidas.

De acordo com Raimundo (2007) dentro do ambiente familiar a leitura é leve e prazerosa, proporcionando a criação de um vínculo maior entre pais e filhos, através da observação das figuras nos livros lidos pelos pais e ouvindo as cantigas de ninar, até que a criança se sinta pronta para contar e ler suas próprias histórias. Ou seja, a leitura dentro do ambiente familiar deixa de ser vista pela criança como uma obrigação e passa a ser vista como algo prazeroso, algo que a criança sente vontade em praticar.

O papel da família no processo de formação do leitor é pouco discutido, porém, é preciso lembrar sempre que os valores transmitidos pela família irão acompanhar o indivíduo por toda a vida. Sendo assim, a leitura quando apreciada e incentivada desde cedo dentro de casa, tem grandes chances de se fazer presente no futuro da criança

PARTE 3 - O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES

Mesmo considerando que a responsabilidade de formar novos leitores não depende apenas da escola, o professor assume a função de incentivador, proporcionando momentos em que a leitura se torna interessante, provocando o gosto pela atividade proposta, fazendo com que as crianças queiram participar deste momento.

Para Miguez (2000, p. 28, cf Mateus et al., 2013, p. 66), na maioria dos casos, a escola vem a ser a única fonte de contato da criança com a leitura e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento desta prática.

Para isso, o papel do professor é de extrema importância, uma vez que é ele quem proporciona às crianças esse momento, afinal, o professor é uma espécie de referência para seus alunos, de modo que aquilo que ele diz e pratica dentro da sala de aula serve de exemplo. Quando o professor realiza uma leitura, deve fazê-la de forma prazerosa para as crianças, colocando em prática sua criatividade, tentando transmitir para as crianças a emoção e os sentimentos da história, do mundo do faz-de-conta.

O professor é uma espécie de promotor de leitura e formador de leitores. Para isso, o docente deve ser um profissional que tenha comprometimento com a leitura e sempre apresentar estratégias para incentivar e motivar seus alunos, tornando-se um mediador. Antunes (2001, p. 24, cf Forteski, Oliveira e Valério, 2013, p. 125) afirma que: “O grande professor será aquele que se preocupa em ensinar o aluno a ler e compreender um texto e a se expressar com lucidez. ”

Dentro das escolas, é mais comum o aluno não gostar de ler pelo simples fato de que os textos não são de seu interesse ou às vezes são formados por um vocabulário mais formal, tornando a leitura um pouco complicada e não muito prazerosa. Segundo Zilberman (2003, p. 16, cf Diógenes e Justo, 2016, p. 04) “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”. Por isso, é fundamental que a escola proporcione o contato com vários tipos de leituras, de diferentes gêneros.

A sala de aula deve ser um ambiente estimulador e o professor deve exercer a função de incentivador, oferecendo a seus alunos o contato com diversos livros, afinal, gostar de ler resulta da prática da leitura. De acordo com Forteski, Oliveira e Valério (2013, p. 125):

É de grande importância fazer da escola um ambiente que incentive os alunos à prática da leitura, de métodos que auxiliem o objetivo de se fazer alunos/leitores e críticos, contando com a participação dos professores das diversas disciplinas, já que a leitura está presente em todas as áreas.

Além disso, é sempre importante que o professor esteja disposto a ouvir os comentários e as opiniões dos alunos acerca daquilo que foi lido, para que possa tirar dúvidas e até mesmo facilitar a absorção do conhecimento. Propor diferentes práticas de leitura também é algo que o professor precisa sempre proporcionar aos seus alunos. A roda de leitura, por exemplo, é uma prática de leitura que não visa uma leitura individual, mas sim, uma leitura compartilhada, onde opiniões podem ser trocadas, unindo, assim, os leitores. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, vol. 3, p. 141):

Quando o professor realiza com frequência leituras de um mesmo gênero está propiciando às crianças oportunidades para que conheçam as características próprias de cada gênero, isto é, identificar se o texto lido é, por exemplo, uma história, um anúncio etc. São inúmeras as estratégias das quais o professor pode lançar mão para enriquecer as atividades de leitura, como comentar previamente o assunto do qual trata o texto; fazer com que as crianças levantem hipóteses sobre o tema a partir do título; oferecer informações que situem a leitura; criar um certo suspense, quando for o caso; lembrar de outros textos conhecidos a partir do texto lido; favorecer a conversa entre as crianças para que possam compartilhar o efeito que a leitura produziu, trocar opiniões e comentários etc.

Além de impulsionar o incentivo à leitura, a literatura, seja ela infantil, ou infanto-juvenil, contribui também com outros meios de aprendizagem, proporcionando que o professor aborde diversos assuntos, de diferentes maneiras, utilizando diferentes tipos de gêneros literários. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 42), as experiências com a literatura infantil, propostas pelo professor mediador, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros de diferentes gêneros literários.

Quando o professor decide iniciar um projeto de leitura, ou até mesmo começar a incentivar a leitura em sala de aula, é evidente que muitas dúvidas podem surgir, tais como: qual texto escolher? Como devo ler? Como conduzo a leitura? Qual atividade propor depois da leitura? Esses questionamentos são normais, já que não há uma fórmula pronta para mediar leituras. Segundo Viccini (2011, p.2):

O único caminho reside no próprio livro, ou seja, o mediador tem que ser um leitor e alegrar-se em compartilhar o encantamento de uma boa história. Além disso, há teóricos que estudam o processo de formação de novos leitores e o papel do professor, responsável por despertar no aluno o gosto pelo texto literário. Com esses suportes, é possível delimitar ações e desenvolver práticas escolares efetivas para trabalhar a literatura tanto com as crianças, quanto com os jovens.

Uma reportagem recente, feita pelo site Educa Mais Brasil, em 2019, mostra uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro que destaca os principais motivos que estimulam os brasileiros a lerem: o gosto pela leitura (25%), atualização cultural (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%) e atualização profissional ou exigência do trabalho (7%). Pode-se notar que a taxa de leitores que o fazem apenas pelo prazer, é baixa, considerando os outros motivos apontados na pesquisa.

É importante se atentar ao fato de que a proposta de introduzir a leitura na vida das crianças deve ser algo natural e prazeroso, ou seja, fazer cobranças com trabalhos e provas sobre aquilo que foi lido, ou então pedir que leiam algo para essa finalidade, acaba criando no aluno uma certa resistência quanto ao gosto pela leitura, pois o faz apenas por obrigação. Segundo Viccini (2011, p. 4) o que está em jogo é a aproximação dos alunos para com os livros e histórias, para então, formar novos e futuros leitores, mostrando às crianças que a leitura não precisa ser feita apenas por obrigação, e nem estar retida apenas a disciplinas escolares.

Assim, cabe à família e à escola assumirem o compromisso de incentivar e introduzir cada vez mais a leitura na vida das crianças, visto que é de grande importância e traz inúmeras contribuições para a formação, não somente intelectual, mas também cognitiva dos seres humanos. O hábito da leitura é algo que se adquire ao longo da vida, porém, quanto antes for introduzido no cotidiano dos seres humanos, maiores serão as contribuições adquiridas e, mais fácil será o processo de gerar um leitor que consegue ler por prazer e não por obrigação, resultando assim, na formação de futuros leitores.

3.1 A leitura na era digital

Atualmente, ler um livro não se limita apenas ao material impresso, pois também é possível ler através da tela dos aparelhos eletrônicos, como celulares, notebooks, tablets e aparelhos específicos para a leitura de livros. É impossível não reconhecer que o surgimento das novas tecnologias tem trazido inúmeros avanços dentro da sociedade.

O termo letramento digital se faz cada vez mais presente e frequente. Esse novo letramento significa, basicamente, segundo Lima (2009) dominar habilidades mentais para lidar com gêneros e práticas discursivas que vêm sendo desenvolvidos a partir do uso de tecnologias. Portanto, letrar digitalmente a nova geração de leitores se faz cada vez mais

necessário, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos para viverem como verdadeiros cidadãos nessa nova sociedade digital.

Ser letrado digitalmente significa ter diferentes atitudes mediante o novo, principalmente, de acordo com Marcuschi e Xavier (2004, cf Lima, 2009):

- a) O reconhecimento de que, ao ler no ambiente virtual, se encontra e é preciso saber lidar com: a hipertextualidade como característica constituinte dos textos; a interatividade; a prática intertextual; a volatilidade das informações; as diferentes linguagens. Nesse momento, o leitor deve assumir mudanças nos modos de ler e escrever.
- b) A percepção da necessidade de lidar com os novos gêneros que chegam com as inovações tecnológicas.
- c) O entendimento do sistema de navegação, a fim de usá-lo para enriquecer a aprendizagem e viabilizar o uso dos recursos oferecidos pelo suporte.
- d) A participação ativa e crítica na busca do que se lê, para que haja um gerenciamento dos dados apresentados, a fim de formular a opinião pessoal.

A escola e o professor têm consciência de que, a educação precisa sempre estar acompanhando as constantes mudanças do mundo, e a tecnologia é uma delas, que acaba se tornando um instrumento que pode auxiliar na aprendizagem. Portanto, possibilitar aos alunos o contato com a tecnologia, com as linguagens e com os diferentes gêneros é uma atitude que faz parte do trabalho. Porém, segundo Lima (2009), “a apropriação da tecnologia pela escola não é garantia de uma educação de qualidade, embora possa trazer benefícios ao ser usada.”

Como sabemos, para muitas crianças, o acesso ao material impresso está presente somente dentro da sala de aula, assim como o contato com a tecnologia. Por isso, pensar nas desigualdades sociais na hora de propor atividades, é sempre muito importante. De acordo com Quintanilla (2009, cf Lima, 2009):

A inclusão digital é uma ferramenta que pode ser utilizada pelos governos, ao lado de políticas mínimas de saúde, educação, transporte e habitação, em prol das pessoas de baixa renda, que não são excluídas apenas do ponto de vista digital, mas economicamente. E para ser considerada incluída digitalmente, a pessoa precisa ter o acesso, desenvolver a apropriação das ferramentas para desenvolver o conteúdo.

O educador precisa experimentar o saber usar a Internet a favor da aprendizagem, buscando aplicações e ferramentas que auxiliem o processo de ensino/aprendizagem. Por isso, o profissional deve sempre aprimorar sua formação, entretanto, nem todos têm condições para tal, devido aos problemas de desigualdade, como citados anteriormente. Navegar na Internet possibilita a coleta de informações, algo que é muito valioso e contribui diretamente na construção do conhecimento.

A internet facilita e possibilita o acesso a diferentes textos de gêneros e temáticas variadas. Por exemplo, baixar um livro pela internet é rápido, fácil e muitas das vezes, gratuito, o que acaba ajudando o estudante e até mesmo, o professor. Por isso, é possível que o professor use a tecnologia a seu favor no processo da formação do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto atual, formar novos leitores é importante, afinal, o ato de ler desperta nas crianças diversas habilidades, possibilita novos conhecimentos, estimula criatividade e imaginação e contribui para a formação de um cidadão consciente e capaz de formar suas próprias opiniões. É necessário compreender que a leitura é um elemento fundamental para a aproximação do leitor com o mundo em que vive.

Ao final desta monografia, se fez possível entender que a leitura quando incluída desde cedo na vida das crianças, é de grande contribuição para a formação social e cognitiva do indivíduo. Também pode-se perceber a importância da família, o papel da escola e, principalmente, do professor para o estímulo e incentivo à leitura.

Formar novos leitores numa sociedade em que a leitura não se faz presente no cotidiano das pessoas, possui diversos desafios. Entre eles, as metodologias a serem utilizadas pelos professores, quais livros devem ser usados e como avaliar esse aprendizado, de maneira que, a leitura não se torne algo obrigatório para o aluno.

Para formar novos leitores é preciso tempo, paciência e muita dedicação. São diversos os caminhos dos quais podemos começar a trilhar para tal, como, por exemplo: ler textos de diversos, tipos e assuntos, conhecer novos autores, procurar por leituras que prendam a atenção não só do mediador, mas também dos alunos.

É preciso despertar nas crianças o gosto pela leitura e mostrar as diferentes aventuras que os livros têm para oferecer, atrair a atenção, e permitir que a criança encontre em cada história um caminho para fazer sua viagem, a solução para um problema decorrente do dia-a-dia, um personagem que se identifique, entre tantas outras possibilidades.

Trabalhar com o tema escolhido foi enriquecedor porque permitiu refletir sobre os efeitos que o trabalho com a literatura possibilita, destacando cada vez mais a importância da prática e do incentivo da leitura como forte aliada para a formação de leitores que o fazem por prazer.

Ao escrever esta monografia, foram encontradas algumas dificuldades na coleta de informações, pois a leitura, diferente do esperado, acaba não sendo tão valorizada como ferramenta de lazer e sim, algo que é feito por obrigação, na maioria das vezes.

O hábito de ler é algo que se adquire ao longo da vida e, por isso, quanto antes começar, melhores serão os resultados. É com o incentivo à leitura que se torna possível criar o hábito de leitura, resultando, dessa forma, na formação de pequenos, novos e futuros leitores.

Conclui-se, portanto, que a leitura, apesar de sempre estar presente no cotidiano das pessoas, nunca recebeu, de fato, a atenção necessária. Ler é obter conhecimento. Por isso, incentivar, motivar e inserir essa prática na vida dos pequenos é, sem sombra de dúvida, formar futuros cidadãos adultos pensantes e capazes de formarem suas próprias ideias.

Além disso, a leitura é fonte de inspiração, sabedoria e conhecimento. E é assim que queremos que sejam os leitores que pretendemos formar. Já dizia Bill Gates:

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história.

Submissão do projeto ao Comitê de Ética										
Coleta de dados										
Análise de dados						X	X	X		
Redação dos resultados e discussão							X	X		
Redação das considerações finais									X	
Elaboração do resumo								X		
Formatação e revisão textual									X	X
Defesa da monografia										X
* O mês de abril foi destinado ao recesso escolar, em decorrência da pandemia de Covid-19.										

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo. 1989.

BARROS, Paula Rúbia Pelloso Duarte. **A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA**. Orientador: Prof. Me. Paulo Sérgio Fernandes. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins - SP, 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf>> Acesso em: 02/11/2020.

BATISTA, Geisa Mara; OLIVEIRA, Mônica Luiza Lages de. Breve história da leitura escolar no Brasil: a formação de leitores. **Papéis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS, ano 2018, v. 22, n. 44. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3148>>. Acesso em: 16/10/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 14/11/2019.

CARLETO, Eliana Aparecida. **Literatura infantil e a formação do leitor: saberes e práticas no processo de ensino e aprendizagem**. 2014.

CHÉROLET, Brenda. Maioria da população brasileira tem o hábito de ler, diz estudo: Hoje (29), é comemorado o Dia Nacional do Livro. **Educa Mais Brasil**, p. 1-1, 29 out. 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/maioria-da-populacao-brasileira-tem-o-habito-de-ler-diz-estudo>>. Acesso em: 25/06/2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

CONDURU, Marise Teles; SANTOS, Ana Cristina da S. A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento da criança: um estudo de caso no Projeto Literatura da Biblioteca do SESC

DOCA. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.410-430, 28 maio 2018. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/rici.v11.n2.2018.8335>. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8335/9600>>. Acesso em: 10/05/2020.

CRISTÓFANO, Sirlene. **A literatura e as novas tecnologias: a formação de leitores ativos em múltiplos suportes**. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-Literatura-e-as-Novas-Tecnologias-A-Forma%C3%A7%C3%A3o-de-Leitores-Ativos-em-M%C3%BAltiplos-Suportes.pdf> Acesso em: 03/11/2020.

DIOGENES, Aparecida Juliana Perez; JUSTO, Rosangela Ribeiro da Silva. A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **REVISTA SABERES DA FAP**, Rondônia, ano 2016, ed. Especial, p. 51-61, jan. 2016. Disponível em: <<https://fapb.edu.br/wpcontent/uploads/sites/13/2018/02/especial/5.pdf>>. Acesso em: 23/06/2020.

FORTESKI, E., OLIVEIRA, S. T. de, & VALÉRIO, R. W. (2013). Prazer pela leitura: incentivo e o papel do professor. *Ágora: Revista De divulgação científica*, 18(2), 120-127. Disponível em: <<https://doi.org/10.24302/agora.v18i2.423>> Acesso em: 23/06/2020.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo. Ática, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo. Ática, 2007.

LEIRIA, Elisandra Lorenzoni. A ESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA NO BRASIL: UMA VISÃO HISTÓRICA: THE READING SCHOOLING IN BRAZIL. **Linguagens e Cidadania**, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/n1/14007>. Acesso em: 15/07/2020.

LIMA, Francis Chagas. **Formando leitores na era digital: reflexões sobre a abordagem de leitura no ensino de E/LE através do mundo virtual**. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LUNA, Iasmin Rhayzza da Silva; SANTOS, Jessica Silva dos; ROSA, Ester Calland de Sousa. **LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E INCENTIVO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA PARA FORMAÇÃO DO ALUNO COMO LEITOR DE LITERATURA**. 2019. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/LUNA%3B+SANTOS%3B+ROSA+-+2019.1.pdf/3060768d-2e4d-4318-952b-67431b96ba6d>>. Acesso em: 26/10/2020.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca, et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, [s. l.], ano 2013, v. 5, ed. 1, p. 1-16, 21 out. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477#:~:text=As%20hist%C3%B3rias%20representam%20indicadores%20efetivos,para%20o%20mundo%20da%20imagina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 08/06/2020.

MORAIS, Ana Beatriz de et al. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-COGNITIVO DA CRIANÇA. (4 a 8 anos). **Pedagogia em Ação**, v. 6, ed. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9228>>. Acesso em: 26/10/2020.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **História do ensino da literatura infantil na formação de professores no Estado de São Paulo (1947-2003)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPG Digital- UNESP). ISBN 9788579836688. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138594>>. Acesso em: 22/10/2020.

PAULA, Flávia Ferreira de; FERNANDES, Célia Regina Delácio. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: UM ESTUDO DO PROJETO "LITERATURA EM MINHA CASA"**. ResearchGate, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277125181_POLITICAS_PUBLICAS_DE_LEITURA_E_FORMACAO_DE_LEITORES_UM_ESTUDO_DO_PROJETO_LITERATURA_EM_MINHA_CASA. Acesso em: 27/10/2020.

PONTES, Oziane de Souza. **A LEITURA DO LIVRO INFANTIL NA SALA DE AULA**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, [S. l.], 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3364/1/PDF%20-%20Oziane%20de%20Pontes%20Souza.pdf>. Acesso em: 30/10/2020.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 107-117.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: CONHECIMENTO DE MUNDO. VOLUME 3. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 15/11/2019.

REVOREDO, Mariana. **Mediadores de leitura: a participação da família na formação de leitores** – um estudo de caso em Presidente Prudente/SP. 2010. 100 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92293>>. Acesso em: 03/11/2020.

RODRIGUES, S. L. et al. **Literatura infantil: origens e tendências**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL. 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16200872-Literatura-infantil-origens-e-tendencias.html>>. Acesso em: 22/10/2020.

SILVA, Aline Luiza da. **TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: DA ORIGEM HISTÓRICA E DO CONCEITO MERCADOLÓGICO AO CARÁTER PEDAGÓGICO NA ATUALIDADE**. REGRAD - **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM** - ISSN 1984-7866, [S.l.], v. 2, n. 2, junho 2010. ISSN 1984-7866. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 22/10/2020.

SILVA, Gisele Toledo da; RISSO, Luciana. **“CONTA OUTRA VEZ!”: LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA**. Orientador: Profª Drª Anilde Tombolato Tavares da Silva. 2012. Monografia (Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais: Perspectivas Contemporâneas) - Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, Londrina, 2012. Disponível em: <https://web.unifil.br/pergamum/vinculos/000007/00000799.pdf>. Acesso em: 21/10/2020.

SILVA, Josefa Sandra da; KOHN, Carla Daniela. **A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**. **ANAI DA FACULDADE AMADEUS**, Aracaju/SE, 2016. Disponível em: <http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/A%20CONTRIBUICAO%20DA%20LEITURA%20NO>

S%20ANOS%20INICIAIS%20PARA%20A%20FORMACAO%20DO%20LEITOR%20CRITIC
O.pdf. Acesso em: 2 nov. 2020.

VICCINI, Carla Gabriele. **Professor mediador, aluno leitor**. Rev. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, Curitiba, de 7 a 10 de novembro. 2011.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor: a família em questão**. 2009. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/308.pdf>> [2004]. Acesso em: 16/06/2020.

VILELA, Thiago Dutra. **Linha do tempo da História da Educação no Brasil**. OCOMPRESSO, 2009. Disponível em: <<https://www.ocomprimido.com/dose-diaria/linha-do-tempo-da-historia-da-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 16/09/2020.